

MANDY ROBOTHAM

A Parteira Alemã

Tradução
Mário Dias Correia

 Planeta

Para os rapazes: Simon, Harry & Finn
E para as mães e parteiras de todo o mundo

Nota da autora

As parteiras adoram falar, analisar e dissecar; é na tagarelice pós-parto, enquanto bebemos café, que relatamos a beleza de um nascimento e discutimos os pequenos dilemas. Como transmitir às mulheres a intensidade daquilo por que podem ter de passar durante o trabalho de parto? Será justo descrever antes do dia em pormenor a agonia e o êxtase do nascimento? Tudo isto me levou a interrogar-me sobre as questões morais mais profundas que podemos ter de enfrentar, um ponto em que nós, as parteiras, podemos não *querer* dar corpo e alma pela segurança de outra mulher e do seu bebé. E com quem e quando poderia isso acontecer?

Para mim, há só uma resposta: uma criança cuja herança genética iria provocar ondas de choque entre aqueles que sofreram sem medida às mãos do pai: Adolf Hitler. Da combinação do meu fascínio pela história da guerra e a minha paixão pelo nascimento surgiu a ideia. Usar personagens reais como Hitler e Eva Braun – ambos continuam a suscitar emoções fortíssimas passados quase oitenta anos – foi um teste à minha bússola moral. E, no entanto, mantenho a premissa de que todas as mulheres, na altura de dar à luz, são iguais: princesa ou pedinte, anjo ou demónio, durante o trabalho normal de parto todas temos de cavar fundo no interior de nós mesmas. O nascimento varre todos os preconceitos. Eva, no momento de parir, é uma dessas mulheres. E também o bebé nasce livre de mácula moral – um inocente, completamente puro.

Embora use material de pesquisa e cenários factuais, esta é a minha visão de um instantâneo da História. Já houve no passado especulações a respeito de o *Führer* e a sua eventual noiva terem tido um filho, mas *A Parteira Alemã* é uma obra de ficção, é a minha mente a perguntar: e se? Também Anke é uma ficção, sendo embora a corporização do que sinto em muitas parteiras – um coração enorme, mas com dúvidas e medos. Por outras palavras, uma pessoa normal.

Capítulo 1

Irena

Alemanha, Janeiro de 1944

Por uns breves instantes, o barracão ficou tão silencioso quanto era possível estar àquela hora da madrugada, um quase silêncio só perturbado por alguns roncos femininos. A monitora da noite andava para trás e para a frente ao longo das filas de beliches de vara na mão, atenta às ratazanas que tentassem mordiscar os membros imóveis das mulheres, pronta a atacar as malvadas predadoras. Pequenas nuvens de vapor erguiam-se dos beliches superiores à medida que o hálito das deportadas encontrava o ar gélido e parado – era estranho não ouvir as mulheres tossir à vez, uma sinfonia de costelas sacudidas pela força da infecção nos seus pobres pulmões, como se mais um espasmo fosse o suficiente para lhes rasgar o esterno e abrir-lhes o peito. De trinta em trinta segundos, a escuridão era atravessada por finos raios de luz branca quando os projectores faziam a sua incessante ronda pelos buracos entre as finas tábuas, no único lugar a que podíamos chamar casa.



Eu estava a dormir na parte dianteira do barracão, sabendo que Irena se encontrava nas primeiras fases. Um grito súbito vindo do beliche ao lado da salamandra quebrou o silêncio, quando uma violenta contracção se enrolou dentro dela e lhe interrompeu o sono inquieto, escapando-se por entre os dentes partidos.

– Anke, Anke – gritou ela. – Não, não, não... Faz isto parar.

A sua angústia não se devia a fraqueza – Irena já tinha feito aquilo duas vezes antes da guerra – mas ao inevitável resultado do processo, do trabalho de parto. Um nascimento. O bebé nasceria, e esse era o pior dos seus pesadelos. Enquanto estivesse lá dentro, a dar um pontapé ocasional e provas de que não sugara todos os fluidos vitais da mãe e mesmo assim não fora o suficiente, havia esperança. Cá fora, a esperança diminuía muito depressa.

Num instante estive a seu lado, a juntar os trapos e pedaços de papel que tínhamos reunido, um balde de água tirado com dificuldade do poço antes do recolher obrigatório. Irena estava agitada, num género de delírio que é habitual ver nos casos de tifo. Murmurava o nome do marido – provavelmente há muito assassinado noutra campo – por entre os lábios ressequidos numa litania repetitiva, enquanto se contorcia na fina enxerga de palha, fazendo ranger as tábuas do beliche.

– Irena, Irena! – murmurei uma e outra vez, a abanar a cabeça para lhe prender o olhar nos intervalos em que abria os olhos. Ao contrário das mulheres nos hospitais de Berlim, no campo as mães perdiam com frequência a noção de tudo durante o trabalho de parto e transportavam-se para outro lugar, um palácio da mente. Imaginava eu que era uma maneira de evitar a realidade de estarem a trazer os filhos para um mundo de implacável horror, de criar nos seus sonhos o ninho perfeito que a vida real não lhes proporcionava.

Como a maior parte dos terceiros partos, aquele foi rápido. Depois de estarem a fervilhar durante horas, as contracções surgiram umas atrás das outras, a aumentar de intensidade muito depressa. Não tardou que Rosa estivesse a meu lado, acordada como eu do seu meio sono. Espevitou o lume fraco e pôs água a ferver, enquanto outra mulher trazia um candeeiro a óleo, cujo combustível tínhamos poupado para ocasiões como aquela. Era tudo o que tínhamos, além de fé na Mãe Natureza.

As contracções eram violentas e as águas rebentaram durante uma mais forte – uma quantidade pequena, patética –, mas Irena estava a aguentar-se. Em qualquer outro cenário, o corpo seria obrigado

a empurrar para baixo, a expulsão natural imperiosa e irresistível. Nas suas primeiras gravidezes, as mulheres receavam com frequência não saber quando chegava o momento de fazer força, e nós, como parteiras, só podíamos tranquilizá-las – *vai* saber, uma força dentro de si diferente de todas as outras, uma vaga para cavalgar em vez de resistir. Irena, no entanto, agarrava-se ao bebé como se a sua vida dependesse disso, e só uma fina cobra de mucosidade ensanguentada era visível quando olhei para baixo da manta. Indicava que o corpo estava ansioso, mais do que pronto para saltar. Só a vontade férrea da mãe mantinha os portões fechados.

Por fim, depois de uma série de contracções muito fortes, o útero de Irena levou a melhor; um revelador grunhido primevo, e com a ajuda do candeeiro vi que o bebé vinha a caminho, a cabeça ainda não visível mas uma forma bem definida por baixo da pele fina, quase translúcida, das nádegas de Irena, a arredondar-lhe a anatomia. Ela abanou a cabeça, angustiada, e murmurou: «Não, bebé, ainda não, fica aí», a agitar as mãos na direcção da vagina numa tentativa desesperada de fazer o bebé voltar para dentro à custa de pura força de vontade. Rosa estava junto à cabeça de Irena, a sussurrar-lhe palavras de apaziguamento, a dar-lhe pequenos goles da água mais limpa que tínhamos conseguido arranjar, e eu fiquei lá em baixo, com o candeeiro.

Ignorante do futuro, aquele bebé estava determinado a nascer. Na contracção seguinte, uma massa de cabelos negros saiu dos lábios esticados da vagina de Irena, e eu exortei-a «Sopra, sopra, sopra», na esperança de a abrandar e evitar rasgões que não teríamos equipamento nem meios para suturar, mais uma ferida aberta para atrair os piolhos e as ratazanas.

A sentir o inevitável, Irena cedeu, e a cabeça do bebé ultrapassou os confins da mãe e entrou no mundo com um movimento de saca-rolhas. Por um momento, como em tantos outros partos que tinha visto, o tempo deteve-se. A cabeça do bebé estava pousada no trapo mais limpo de que dispúnhamos, os ombros e o resto do corpo ainda dentro de Irena, que deixou cair a cabeça manchada de suor no colo de Rosa, o corpo sacudido por soluços de alívio e tristeza, e apenas uma

pequena réstia de alegria. O barracão estava silencioso – a maior parte das mulheres tinha acordado, duas ou três cabeças visíveis por beliche, à medida que a curiosidade levava a melhor sobre o desejo de dormir. Mas limitavam-se a olhar, respeitando a pouca privacidade que ela tinha.

O bebé emergira de costas, a olhar para mim, e eu via os seus olhos abrirem-se e fecharem-se como os de uma boneca de porcelana, os lábios a desenharem uma boca de peixe, como se estivesse a respirar. Os segundos passavam, mas não havia motivo para preocupações, o cordão umbilical fornecia-lhe oxigénio filtrado de Irena, muito mais puro do que o ar estagnado que nos rodeava.

– Está tudo a correr bem, o teu bebé está aí não tarda – murmurei. Mas sabia que nada conseguiria fazer Irena sentir outra coisa que não fosse medo e tristeza.

A contracção formou-se e ela mexeu as nádegas para dar espaço enquanto a cabeça do bebé rodava para um lado, permitindo aos ombros passarem, e o filho de Irena deslizou para fora, banhado apenas num pouco mais de água misturada com sangue. Era uma coisinha patética, com uma cabeça demasiado grande para os membros minúsculos, finos como gravetos, e uns testículos bulbosos. Irena alimentara-o o melhor que pudera com a sua magra dieta quase desprovida de proteínas ou gorduras, e aquilo era o resultado. Peguei no segundo pano mais limpo e limpei o fluido, a estimular o corpo flácido de onde não vinha qualquer som, e uma pequena parte de mim pensou: «Vai agora, criança, poupa a ti mesma a dor.» Mas continuei a esfregar a pele delicada, a tentar instilar-lhe um pouco de energia, como é próprio do nosso instinto humano de preservar a vida.

No mesmo instante, Irena voltou a este mundo, em pânico.

– Está bem? Por que não chora?

– Está só um pouco chocado, Irena, dá-lhe tempo – disse eu, a sentir a minha adrenalina atingir um pico enquanto murmurava para mim mesma: «Vá lá, bebé, respira por ela, vá lá», e ao mesmo tempo falava e soprava o seu rosto espantado: «Vamos lá, pequenino, chora, vá lá.»

Depois de mais uma vigorosa esfregadela, ele tossiu, engasgou-se e pareceu examinar o que o rodeava com uns olhos ainda mais abertos. Passei-o no mesmo instante à Irena e instalei-o contra a pele dela. O esforço do parto tornara-a a superfície mais quente no barracão e ele começou a murmurar para a mãe, em vez de soltar um vigoroso grito. De todos os modos, qualquer som era respiração; era vida.

Pela primeira vez em meses, as feições de Irena adquiriram uma expressão de satisfação completa.

– Olá, meu amor – arrulhou –, que rapaz bonito tu és. E que esperto.

Depois de duas raparigas, era o seu primeiro rapaz, o sonho do marido. O que todas pensávamos, mas nenhuma dizia, era que as probabilidades de ela ver qualquer dos filhos crescer e atingir o seu potencial como pessoa eram praticamente nulas. Nenhuma de nós queria furar a sua temporária bolha de felicidade.

Sem uma palavra, eu e Rosa assumimos os nossos papéis predefinidos. Ela ficou com Irena e o bebé, a tapá-lo com tudo o que tínhamos em termos de mantas, enquanto eu mantinha um olho atento à vagina de Irena e o sangue fazia poça no trapo. Era normal... por enquanto. Mas desde que comecei o meu treino, as placentas pregaram-me muito mais sustos do que os bebés. O cansaço podia obrigar o corpo a fechar-se e recusar expelir a placenta. A testa e a parte de trás do pescoço começaram a cobrir-se-me de gotas de suor. Perder uma mulher e um bebé naquela fase seria uma prova de que a Mãe Natureza não tinha coração.

Mas cumpriu, como tinha cumprido inúmeras outras vezes, uma constante nesta humanidade feia e inconstante. As feições de Irena, ainda carregadas de hormonas de amor, contorceram-se num esgar de dor, numa nova contracção. Mais dois empurrões e a placenta caiu nos trapos, minúscula e pálida. O bebé tinha extraído até à última molécula de gordura do seu motor de gravidez, reduzindo-o a um farapo torcido a que estava ligado o seco cordão. As bem alimentadas mulheres alemãs produziam cordões gordos e suculentos, enrolados como espirais dentro de tecido saturado de sangue, bem alimentado ao longo dos seus nove meses. Desde a minha chegada ao campo, só vira dos magros e engelhados.

Depois de me ter certificado de que toda a placenta tinha saído – qualquer resto que ficasse no corpo poderia causar uma infecção fatal –, abrimos a porta do barracão e atirámo-la para o exterior, o mais longe possível. Houve uma feroz agitação quando várias ratazanas, algumas quase do tamanho de gatos, lutaram para serem as primeiras a sair dos seus buracos dentro do barracão e conseguir a parte de leão do festim. Meses antes, tinha havido acesas discussões entre as mulheres a respeito de alimentar as ratazanas daquela maneira, uma vez que só servia para as tornar maiores, mas aquelas criaturas eram imparáveis na sua busca de comida. Se não encontravam nenhuma, voltavam-se para nós, mordiscando a pele de mulheres demasiado doentes para se mexerem, demasiado sem vida para se aperceberem. Se os animais estivessem distraídos, ou saciados, teríamos ao menos uma trégua dos seus constantes ataques. Eu odiava-as, mas ao mesmo tempo não conseguia impedir-me de admirar-lhes o instinto de sobrevivência. Bichos ou seres humanos, estávamos todos apenas a tentar viver.

Eu e Rosa limpámos o espaço à volta de Irena com aquilo que conseguimos arranjar enquanto ela desfrutava do contacto pele-contra-pele com o seu bebé – de todos os modos, não tínhamos roupas com que vesti-lo. Ele mamava faminto o peito liso como uma folha de papel, as pequenas bochechas a sugar a carne quase seca. A hormona libertada provocou novas câibras no ventre cansado de Irena, mas via-se que ela quase saboreava aquele drenar do seu corpo. Rosa ferveu umas folhas de urtiga que tínhamos posto de parte para fazer um chá, e durante quase uma hora o rosto de Irena foi pura alegria. Mas à medida que a escuridão diminuía e a luz do dia começava a insinuar-se por entre as rachas das paredes, o ambiente no barracão tornou-se tenso. O tempo que restava a Irena e ao seu bebé era limitado.

Algumas das mulheres aproximaram-se dela, um zumbido baixo a formar-se à medida que rodeavam o beliche, num cântico de acolhimento para o bebé. No mundo real, teriam levado prendas, comida e flores. Ali, nada tinham para dar, excepto o amor escondido num canto secreto do coração, um pouco de esperança que de vez em quando deixavam esvoaçar; tantas delas tinham já perdido bebés, sido

separadas, sofrido de todas as maneiras possíveis pelo cheiro das cabeças húmidas de filhos, irmãos, sobrinhos e sobrinhas. Todos eles faziam parte da saudade. Uma mulher ofereceu uma bênção, na ausência de um rabi, e aceitaram o bebé como um dos seus. A mãe chamou-lhe Jonas, como o pai, e sorriu quando ele passou a fazer parte da história, reconhecido.

Eu e Rosa sentámo-nos num canto, sendo eu a única não judia do barracão, a ouvir o bonito som. Eu tinha um ouvido atento aos ruídos do campo que despertava, as guardas a gritarem ordens, o bater constante das suas botas no chão duro, gelado, lá fora. Era inútil tentar esconder o bebé. Já o tínhamos tentado noutra ocasião e sabíamos que os vagidos da fome eram impossíveis de abafar. Dessa vez, tinha resultado na morte da mãe e do bebé da forma mais fria e cruel possível. Se conseguíssemos salvar ao menos um, já seria qualquer coisa. Irena tinha filhos que podia voltar a encontrar. Improvável, mas sempre possível.



No fim, Irena conseguiu quase três horas de precioso contacto com o filho recém-nascido. Às sete, a porta foi aberta e uma fria rajada de vento entrou com as guardas que vinham fazer a contagem. Aquele barracão estava isento da contagem no exterior por que muitas das mulheres estavam acamadas e as guardas irritavam-se de uma maneira perigosa se algumas delas tombavam no chão durante a longa espera. Eu tinha apelado ao comandante do campo para que a contagem fosse feita no interior e sido bem-sucedida – uma surpreendente e rara concessão da parte deles.

Foi a primeira guarda que sentiu o recém-nascido. Eu tinha quase a certeza de que aquela em particular trabalhara em hospitais antes da guerra, talvez como parteira; olhava para mim com profunda suspeita, uma funda ruga a cavar-se-lhe na testa larga, sobretudo quando eu estava com as mulheres judias, como se não conseguisse considerar a ideia de lhes tocar. Não tinha, no entanto, escrúpulos em usar o cacete,

tendo-se especializado em visar a base das costas daqueles pobres esqueletos para causar o máximo de dor. E tinha também uma segunda especialidade, mais sinistra.

Foi o seu nariz que captou o cheiro a cobre do sangue do parto, não o da segunda guarda.

– Tiveram então mais um?

Avancei um passo, como sempre fazia. O diálogo tornara-se um jogo que eu tinha quase a certeza de perder, mas isso nunca me impediu de tentar.

– O bebé nasceu só há uma hora – menti. – Não é muito. Só um pouco mais de tempo. Não vai interferir com a contagem.

Ela passou o olhar de uma ponta à outra do barracão, com cerca de sessenta pares de olhos fixos em si, os de Irena, quase sempre baços, mais brilhantes do que alguma vez os tinha visto. Por um momento, a guarda pareceu disposta a fazer uma pequena concessão. Então fungou e grunhiu:

– Conheces as regras. Não sou eu que as faço. São horas.

A justificação para noventa por cento da degradação do campo era sempre a mesma – a culpa não é nossa, limitamo-nos a cumprir ordens. Os outros dez por cento eram puro prazer.

Foi então que Irena saltou para fora do seu mundo do parto, com o bebé apertado contra o peito nu. Saltou da cama e foi refugiar-se no canto junto à salamandra, deixando atrás de si um fino rasto de sangue.

– Não, por favor – gritou. – Eu faço seja o que for. Faço *tudo* o que quiser.

A expressão granítica da guarda disse-lhe que o seu poder de negociação era inútil, de modo que se voltou para si mesma:

– Leve-me a mim. Leve-me agora, mas deixe ficar o bebé. – Virou-se para mim, frenética. – Anke? Tu podes tomar conta do bebé, não podes? Se eu desaparecer?

Assenti, mas na realidade não podia; as poucas mulheres não judias a que era permitido conservar os filhos já não tinham leite suficiente para os seus recém-nascidos, quanto mais para permitir outra criança a sugar-lhes o peito. As crianças sucumbiam à desnutrição numa

questão de semanas, e era raríssimo ver uma com mais de um mês. Nem valeria a pena pedir – nenhum dos meus desesperados apelos resultaria. Todas nós retivemos a respiração por Irena, uma cena que já tínhamos testemunhado demasiadas vezes, mas que nunca deixava de parecer surreal.

A guarda suspirou, o seu tédio bem visível. O passo seguinte era inevitável, mas todas as mães, se não estivessem imobilizadas ou perto de um estado de inconsciência, ofereciam o mesmo irrealista negócio: as suas vidas em troca de uma vida nova.

– Vá lá – disse a guarda, a avançar para Irena –, não tornes isto mais difícil do que já é. Não me obrigues a magoar-te.

Tentou agarrar o trapo, mas Irena encolheu-se ainda mais no canto. O súbito choro do bebé quase abafou o som da pancada, e a guarda saiu da escaramuça a pegar nas pontas do pano com o pequeno corpo lá dentro. Voltou-se, os olhos a semicerrarem-se para igualar a fina linha dos lábios. As pesadas botas a ressoarem no chão enquanto ela se dirigia para a porta e nós nos juntávamos à volta de Irena, a formar como que uma parede de protecção; se corresse atrás da guarda, seria quase de certeza abatida pelos atiradores colocados nas torres de vigia. Ela saltou das sombras como um urso enfurecido, a mostrar os dentes partidos, um furacão de desespero, e nós apanhámo-la na nossa rede humana. Os seus gritos histéricos e agudos deviam ouvir-se lá fora, e imaginei o campo a deter-se por um segundo, conhecedor do mortífero protocolo que ia acontecer.

No mesmo instante, as mulheres iniciaram um cântico, um lamento que subia depressa de volume, e o grupo começou a balouçar em uníssono, com Irena no centro, um escudo à volta do seu sofrimento. A intenção era confortá-la, mas havia outro propósito – disfarçar o ruído do bebé a cair no barril de água, tão chocante como o som de um tiro para quem já o ouviu. Os olhos de Rosa encontraram os meus, ela assentiu e eu passei a porta no mesmo instante, na esperança de recolher o pobre corpo depois de a guarda o ter deitado fora, a tempo de impedir que as ratazanas e os cães de guarda o disputassem. Uma placenta era uma coisa, mas um corpo humano... uma pessoa. Era impensável.

Passados vários instantes, os gritos de Irena esmoreceram, substituídos por um gemido baixo que lhe vinha do fundo do coração, um som constante que estava para lá das palavras. Só tinha ouvido um som parecido durante as férias de Verão que passava na quinta do meu tio na Baviera, quando as vitelas acabadas de nascer eram levadas para o mercado. As mães desoladas mantinham um chamamento constante durante todo o dia e uma grande parte da noite, enquanto procuravam às cegas as crias roubadas. Quando cresci um pouco mais, perguntava sempre ao tio Dieter em que altura as vitelas seriam levadas para o mercado, e organizava as minhas visitas para a evitar.



Limpei o melhor que pude e em seguida ocupei-me a tratar de algumas das outras mulheres doentes do barracão, mudando uns pobres pensos, dando-lhes água ou limitando-me a segurá-las enquanto tossiam de forma incontrolável. Era nesses momentos que abençoava os automatismos do meu treino como enfermeira, em que fazer pequenas tarefas exigia muito pouco pensamento. Não queria pensar, nem processar, o que acontecera naquela manhã, e em muitas outras além daquela.

Saí duas vezes, a primeira para apanhar ar – o frio fez-me arrebitar um pouco – e a segunda para visitar outro barracão de não judias, onde duas mulheres tinham parido há pouco tempo. Era muito pouco o que podia fazer por elas no pós-parto, uma vez que não tinha equipamento nem remédios, mas podia ao menos tranquilizá-las dizendo-lhes que a perda de sangue era normal e que os seus corpos estavam a recuperar. As mais fortes do barracão encarregavam-se de ir buscar e trazer coisas enquanto as mães se esforçavam em vão por encorajar os peitos a produzir um pouco de leite.

A minha classificação como «política alemã», um estrela encarnada em vez de amarela cosida na braçadeira, permitia-me movimentar-me por entre os barracões no papel de enfermeira e parteira, e eu tinha muito gosto – como antes da guerra – em tratar de qualquer mulher,

fosse qual fosse a sua cultura ou credo religioso. A maior parte das mulheres de que eu tratava chegava ao campo já grávida, ou manifestavam a gravidez uma vez aprisionadas. Isto era sobretudo verdade entre as mulheres judias, apesar de nunca nenhum dos guardas ter sido responsabilizado. Violação era uma palavra que não fazia parte do vocabulário do campo. Parecia irónico o facto de uma boa parte dos bebés nascidos ser meio ariana e, todavia, sacrificados em nome da raça dos senhores.

No Barracão 23, oficiosamente conhecido como «o barracão maternidade» tanto pelas guardas como pelas prisioneiras, Irena continuou sentada no seu beliche junto ao lume moribundo durante várias horas, sempre apoiada por uma ou outra das mulheres que cantavam. Certifiquei-me de que a perda de sangue não era excessiva e ela abriu os olhos por um instante. Estavam inchados, com sacos escuros por baixo das pupilas dilatadas, ramelosos e espremidos. Agarrou-me a mão quando a afastei do seu ventre.

– Anke, qual é o propósito? – perguntou, os olhos pretos como tinta fixos nos meus, a cair de novo nos soluços de dor seca.

Não soube o que responder porque não sabia o que queria ela dizer. O propósito de quê? Da gravidez, dos bebés, desta vida... ou da vida em geral? Não havia pura e simplesmente resposta.